

ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITO NA EXPERIÊNCIA DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NO PORTO, PORTUGAL

*Igor José de Renó Machado **

T

odas as preocupações dos imigrantes brasileiros no Porto estão como que atadas ao universo mais significativo da vida cotidiana, que é o do trabalho. De certa forma, o trabalho ou a busca de um emprego confere um nexos central às ações e relações dos imigrantes. As relações de amizade em geral se formam nos locais de trabalho; a descoberta dos bares noturnos para os imigrantes também é apresentada aos imigrantes recém-chegados pelos companheiros de trabalho mais antigos; a busca de emprego se faz através das relações de amigos, conhecidos ou conhecidos de conhecidos que trabalham em algum lugar onde é possível arranjar trabalho; as brincadeiras nos churrascos e nas confraternizações se referem aos acontecimentos dos locais de trabalho, etc.

Por outro lado, a relação com a sociedade portuguesa também passa pelo local de trabalho: os primeiros patrões portugueses, as primeiras experiências de exploração, a percepção da fragilidade da situação de ilegalidade, o contato com fregueses portugueses (no caso dos que trabalham como atendentes). O trabalho, motivo primeiro para a emigração, como

atestam várias entrevistas que realizei entre os imigrantes, é uma preocupação onipresente para grande maioria dos brasileiros com os quais entrei em contato. O universo do trabalho medeia tanto a relação dos imigrantes com a “comunidade brasileira” já instalada no Porto como a relação com a sociedade portuguesa.

É por esse motivo que este artigo versa principalmente sobre uma dimensão específica da vida cotidiana dos brasileiros no Porto: àquela que se refere justamente ao universo do trabalho, não apenas na sua narrativa pura e simples, mas numa tentativa de entender como a experiência do trabalho se articula tanto aos estereótipos portugueses sobre os brasileiros como à construção de uma identidade brasileira específica dos brasileiros imigrantes.

O CAMPO

As reflexões apresentadas neste artigo são baseadas no trabalho de campo desenvolvido para a realização da minha tese de doutorado (Machado, 2003). O trabalho de campo foi realizado entre

março e outubro de 2000, além de duas outras estadias mais rápidas, a primeira em janeiro e fevereiro de 1998 e a segunda em fevereiro de 2002. Meu recorte espacial circunscreveu uma grande área, uma vez que os brasileiros não se agrupam em lugares específicos da cidade. O centro da pesquisa foi a cidade do Porto, onde se concentra grande parte das atividades econômicas dos brasileiros, mas os imigrantes moram nas cidades do entorno, que poderíamos chamar de “grande Porto”. São elas: Matosinhos, Leça da Palmeira, Vila Nova de Gaia, Maia, Gondomar, Valongo.

O fato de estarem espalhados por lugares dispersos e, muitas vezes, longe uns dos outros facilita, ou potencializa, o papel de bares e restaurantes brasileiros como os pontos de encontro privilegiados, como os lugares onde brasileiros travam conhecimento uns com os outros e estreitam suas redes de relações. Os bares e restaurantes, onde uma parte considerável da pesquisa foi realizada, são, de certa forma, os nós de redes sociais que se espalham não uniformemente pela grande Porto e também por cidades do interior do norte de Portugal. Conectam, num mesmo ambiente, várias redes de trabalhadores de diversos lugares, formando um mapa do mundo do trabalho de imigrantes brasileiros no Porto.

A CIDADE DO PORTO NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

No contexto português, a cidade do Porto agrega menos imigrantes que outras regiões. Os dados de 2000, embora se refiram apenas aos imigrantes legalizados, permitiam inferir que Lisboa e redondezas eram o grande centro de imigração brasileira em Portugal e que o Porto era o segundo lugar onde se concentravam mais brasileiros¹. Isso representava cerca de 3.308 brasileiros vivendo legalmente no Porto em 1999, número que não revelava de forma alguma a extensão da presença brasileira naquela localidade, dado o

enorme número de indocumentados que encontrei em 2000. O processo de legalização de 2001 demonstrou como era relevante o número de imigrantes ilegais àquela altura.

A imigração brasileira recém legalizada após 2001 continua centrada na área metropolitana de Lisboa, com cerca de 63% do total de legalizados. Em seguida surge Faro (sul de Portugal), como segundo destino e Porto como terceiro, com cerca de 9,5% e 7,5%, respectivamente. O que vemos é uma maior concentração de brasileiros em Lisboa e uma dispersão maior pelas demais regiões. O Porto continua a ser o segundo maior concentrador de brasileiros². Mas com cerca de 11% dos imigrantes, Porto viu menos brasileiros serem legalizados em 2001 do que em Faro, por exemplo. Ao contrário da região de Lisboa, Porto concentra pouca imigração “em português”, e apenas os números de guineenses são de alguma relevância, ainda assim menor que o de chineses (Machado, 2003:303). O maior contingente de ilegais no Porto era (embora não tenhamos conhecimento sobre a situação atual) de ucranianos, com 5.510 legalizações em 2001, seguidos de 1.933 legalizações de brasileiros (Machado, 2003:308).

Vê-se que em 2001, no Porto, houve um aumento de 216% na população de imigrantes. Esse aumento foi menor que o que aconteceu em outras dez regiões, mostrando que em termos relativos o Porto não tem sido um dos principais destinos. Mas, em termos absolutos, Porto é a terceira região com mais imigrantes, muito atrás de Lisboa/Setúbal e pouco atrás de Faro. As regiões de Lisboa e Algarve exercem mais atração para os imigrantes que as demais regiões de Portugal.

O PERFIL DOS IMIGRANTES BRASILEIROS

O alvo da pesquisa foi majoritariamente os imigrantes “pobres”, buscando um contraste em relação à imagem vigente na época, que pressupunha uma imigração brasileira altamente

qualificada e bem remunerada. Essa imagem era derivada dos números oficiais da imigração em Portugal. A imigração brasileira no Porto não é predominantemente de classe média, como ainda se imagina em reportagens de televisão no Brasil e mesmo em algumas mídias portuguesas. Ao contrário, a maioria das pessoas é pobre e com baixa formação escolar. Há mais garçons que dentistas, mais músicos que professores de ginástica, mais jogadores de futebol que todas as categorias de profissionais liberais juntas. Na década de 90 do século passado a imigração brasileira aparecia como predominantemente qualificada (Machado, 1997; Baganha e Góis, 1998/99). Mas essas afirmações eram baseadas em dados que apresentavam limitações e ofereciam um quadro que poderia ser distorcido³.

Isso é especialmente verdade no caso brasileiro, já que, ao contrário de outros grupos de imigrantes em Portugal, não há estudos etnográficos sobre brasileiros que fossem capazes de matizar as possíveis falsas impressões dos dados oficiais. Trabalhando com o Censo e os dados do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) até 2000, a impressão de uma maior qualificação e a idéia de uma imigração especializada por parte dos brasileiros predominavam. Meu estudo de caso indicou (obviamente, apenas para o caso, mas pode ser uma forma de matizar aqueles dados) que a imigração ilegal fugia completamente desses parâmetros. O perfil que encontrei foi o de classe mais baixa que a média apresentada pelos números.

O fato do número de legalizações concedidas aos brasileiros em 2001, no âmbito da lei de imigração deste ano⁴, ter significado um aumento de mais de 100%, indica como os dados anteriores ignoravam um contingente enorme da população de imigrantes brasileiros. Assim, esse artigo trata de uma população que não aparecia claramente nos números de 2000, mas que pessoalmente considero mais representativa da maioria dos brasileiros em Portugal. Alguns dados preliminares sobre os imigrantes legalizados em 2001, entre eles brasileiros, talvez possam trazer alguma novidade a esse cenário, ajudando a valorizar meu argumento.

O LUGAR NO MERCADO DE TRABALHO

Os três grandes grupos de atividades econômicas executadas por brasileiros são, segundo o SEF⁵, aqueles englobados pelas categorias [1] 451/455⁶, com 25,5%, a [2] 551/555 com 22% e a [3] 701/748, com 22,5%. O primeiro grupo [1] se refere a atividades relacionadas com a construção civil, e deve-se notar que é nominalmente a atividade econômica que mais empregava brasileiros, embora num nível significativamente abaixo da média dos imigrantes em geral, que ficava em 39,5%. Os brasileiros trabalhavam menos na construção civil que os demais imigrantes. O segundo grupo [2] trata do comércio com restaurantes em geral, desde hotéis até cafés e snack bares. Pela experiência em pesquisa, posso dizer que a profissão predominantemente executada por brasileiros nesse campo de atividade econômica era a de garçom. Com 22% dos brasileiros trabalhando nesta área, temos uma grande diferença com relação aos imigrantes em geral, que eram apenas 11,3% atuando no mesmo campo (se excluirmos os brasileiros da média geral, a diferença aumenta ainda mais).

Se somarmos ao "atendimento ao público em geral", categoria que utilizo para definir a principal atuação dos brasileiros no mercado de trabalho, as categorias [4] 501/505, [5] 511/517 e [6] 521/526, teremos outro quadro. O grupo [4], com 1,68% de brasileiros, refere-se a atividades no comércio de automóveis e combustíveis, o grupo [5], com 4,4% de brasileiros, a atividades no comércio grosso (atacado) em várias áreas e o grupo [6], com 6% de brasileiros, ao comércio a retalho em geral (varejo). As principais profissões que brasileiros desempenhavam nesses campos econômicos eram as de vendedores diretos ao público, seja como frentistas, vendedores em lojas nos shoppings, vendedores em lojas atacadistas, etc. A soma destas atividades era de 12,3%, contra 8% da média de todos os imigrantes. Somando aos 22% dos

brasileiros que trabalhavam na hotelaria (categoria [2]), teríamos 34,3% de brasileiros atendendo ao público, numa estimativa que pressupõe que todos trabalhavam como atendentes, o que não é, obviamente, certo. Mas vale como exercício de análise.

A categoria [3] 701/748, com 22% de brasileiros, é extremamente vasta. Nela cabem desde promotores de venda e compra de bens imobiliários, alugueiros de automóveis e máquinas em geral, consultoria de informática e comércio de informática em geral, consultoria jurídica, arquitetura, engenharia, publicidade, até segurança e limpeza industrial (Machado, 2003:309-318). A categoria é tão vasta que acaba sendo pouco útil. Nela estavam desde o engenheiro altamente qualificado até o trabalhador de uma agência de segurança privada, desde o advogado até o funcionário de uma consultoria em informática. Estavam contidos desde a famosa imigração qualificada brasileira até mais um grupo significativo de atendentes ao público. Mas ainda assim, vamos imaginar que estes brasileiros fossem todos qualificados e que a soma das categorias [3], [4], [5] e [6], feita acima, represente um número razoável de atendentes. Teríamos uma distribuição de cerca de 34% de brasileiros servindo o público, 22,5% trabalhando com a construção civil e 22% em empregos mais qualificados. Os demais 21,5% desempenhariam diversas atividades. Diferentemente do relatório no qual se baseiam tais análises, que afirma que a construção civil é quem mais empregava brasileiros, podemos visualizar que o trabalho de atendimento e relacionamento com o público era um nicho mais favorável aos brasileiros (a média dos imigrantes em geral nas mesmas categorias era de cerca de 19%). Lembremos que os números acima se referem ao contingente de 22.558 brasileiros que se regularizaram no regime especial de autorização de permanência em 2001 e não aos brasileiros em geral, o que pode causar mudanças nestas análises preliminares. Mas como o número de regularizações ultrapassou o de imigrantes legalizados em 2000 (22.411) em mais de 100%, podemos pensar que esses números indicam o real perfil da imigração

brasileira, que continua crescendo⁷. Os dados acima também indicam a importância da profissão "empregado de balcão e empregado de mesa" entre os brasileiros, e apenas entre os brasileiros. No Porto, a construção civil ainda não tinha em 2000 a mesma importância que parecia já ter para os brasileiros em Lisboa.

TRABALHO, ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITO

Os trabalhadores brasileiros, portanto, dirigem-se principalmente para o mercado do atendimento ao público. A hotelaria ainda era, em 2000, a melhor fonte de empregos, como vimos acima, principalmente por uma suposta "vantagem estrutural" dos brasileiros: eles têm fama de festivos, simpáticos e, ainda por cima, falam português. Essa "fama" garante espaço no mercado e uma posição privilegiada na hierarquia das alteridades. O que chamo de "hierarquias das alteridades" é uma forma de escalonar em termos valorativos as diferentes populações que se encontram dentro de Portugal. Defendo a idéia de que a atual hierarquia que qualifica as populações imigrantes em Portugal, e na qual os brasileiros têm um lugar privilegiado, é fruto das hierarquias coloniais portuguesas, tão bem expostas nas grandes feiras coloniais do começo do século XIX (Thomaz, 1997).

Determinadas características são esperadas dos trabalhadores brasileiros. As principais são a alegria, simpatia e cordialidade. Acreditando que os brasileiros são portadores atávicos de uma série de características, os empregadores portugueses procuram por esses imigrantes para determinados trabalhos. É por isso que o atendimento em geral era a grande fonte de emprego para brasileiros na cidade do Porto. Muitos trabalhavam como garçons, vendedores de lojas, representantes de vendas, músicos. De certa forma, o brasileiro em Portugal é um entertainer. O papel do entertainer delegado ao brasileiro não é, contudo, isento de conotações ideológicas: o processo que se desenrola é

o de uma subordinação sistemática do brasileiro aos estereótipos que rotulam todos os brasileiros como pessoas alegres e simpáticas. Estes estereótipos têm também outras conotações, pois ao mesmo tempo em que brasileiros são considerados alegres, são vistos como menos intelectualizados, sexualmente desregrados e pouco educados. Ou seja, reproduz-se aqui uma antinomia clássica do pensamento colonial, que é a divisão do mundo entre civilização e selvageria. Ao lado da civilização, obviamente, estão os produtores do discurso ideológico, os colonizadores (no caso, ex-colonizadores). Ao lado selvagem da equação estão os povos dominados pelo colonialismo (McClintock, 1995/1997; Stoler, 1997 e Young, 1995).

Os brasileiros passam pelo que chamo de processo de exotização. Estes processos são fenômenos sociais de efetivação dos estereótipos, têm relação íntima com a sua produção, mas vão além da mera constatação da sua existência. Esses processos referem-se não apenas à imposição de imagens estereotipadas a determinadas populações, o que poderíamos chamar de "orientalismo", afinal, é disso que trata parte da obra de Said (1990): de como determinadas imagens sobre o outro são construídas e passam a ter autonomia simbólica, num processo de "encarceramento simbólico" dos nativos. Afinal, os que são descritos são em geral os que estão por baixo nas relações de poder estabelecidas.

Para além de ser submetida ao "orientalismo", a "práxis" da população brasileira estereotipada se relaciona com as imagens constituídas do imaginário hegemônico português de uma forma específica. Ou seja, os imigrantes brasileiros não apenas estão sujeitos à construção das imagens estereotipadas por determinados agentes de poder, mas também são sujeitos ativos da exotização. Assim, adaptar-se mais eficientemente aos estereótipos portugueses pode conferir maior poder a determinadas pessoas, que impõem a sua própria forma de brasilidade, seja como cariocas, baianos, pernambucanos, etc. A imposição de uma leitura da brasilidade localizada em algum regionalismo não exclui a imagem

portuguesa da "brasilidade", pois esta última é ampla e vazia o suficiente para abarcar qualquer um que não fuja dos estereótipos de malandragem, hipersexualidade e alegria. A forma com que essas características amplas serão elaboradas é que varia conforme a origem e o universo cultural do intermediador em questão.

Os imigrantes brasileiros, longe de serem receptáculos de estereótipos construídos à revelia das suas vontades, estavam, portanto, também engajados no reforço sistemático destes estereótipos. Isso mesmo: os brasileiros não eram apenas objetos da estereotipação, mas sujeitos ativos na promoção destes estereótipos. Esse processo de auto-subordinação se dá justamente através da inserção no mercado de trabalho. Quero indicar que a forma como os brasileiros na cidade do Porto organizam sua "vida coletiva" permite entender como eles progressivamente vão se tornando "exóticos", no sentido determinado por um universo simbólico português abarrotado de imagens sobre os brasileiros.

EXOTIZAÇÃO

O trabalho é o principal caminho para os processos de exotização, já que os lugares oferecidos pelo mercado de trabalho português são relativos aos estereótipos: animadores, músicos, capoeiristas, dançarinos, jogadores de futebol e atendentes ao público em geral. Como o trabalho da maioria está ligado às imagens essencializadas/estereotipadas do Brasil, os imigrantes procuram reforçar a sua autenticidade enquanto brasileiros. Quanto "mais brasileiros" aparentarem ser, exercerão maior influência entre os brasileiros e ganharão maior legitimidade entre os portugueses com os quais encontram-se em posição simbolicamente subordinada, já que os empregos são mais facilmente conquistados por "aqueles que sabem o seu lugar".

Encaixar-se no estereótipo português sobre o brasileiro facilita a vida do imigrante, que consegue seu emprego mais rapidamente. Por outro lado, a imagem que o imigrante passa a vender como a do "autêntico brasileiro" passa a ser esta

imagem exotizada. Num movimento coletivo de exotização, as percepções sobre a identidade brasileira começaram a se aproximar dos estereótipos portugueses. Os estereótipos "ganham vida" e os brasileiros viraram a imagem que deles esperavam os portugueses. Tendo em vista que relações de poder entre os imigrantes passam, entre outras coisas, pelo controle de uma larga rede de possíveis empregadores portugueses, os líderes acabam sendo alguns entre os que podem ser acionados em casos de busca de emprego. Esses líderes são brasileiros que, tendo se encaixado nas imagens correntes sobre o Brasil, conseguiram inserir-se solidamente no mercado de trabalho⁸. Tornaram-se intermediadores, cuja situação de mediação proporciona acúmulo de poder entre os demais imigrantes brasileiros.

INTERMEDIADORES

Para explicitar a relação dos intermediadores com os demais imigrantes, narrarei o caso de um deles, que chamarei de Mário⁹, ex-jogador de futebol, que veio para Portugal por volta de 1985 e jogou durante 5 anos em times de terceiro escalão português. Após encerrar sua carreira, passou por inúmeros empregos em diversos bares, por fim tornando-se cozinheiro de comidas típicas brasileiras. Nunca ficou sem emprego, devido ao fato do mercado de restaurantes brasileiros ter se consolidado nos últimos 10 anos em Portugal. Sendo cozinheiro de comidas brasileiras típicas, ex-jogador de futebol, recifense, tinha uma grande capacidade de "abrasileirar-se", ou seja, de parecer mais autenticamente brasileiro. Na busca de representar mais a suposta essência da identidade brasileira numa ótica portuguesa, Mário sempre teve uma posição de destaque.

Como sempre trabalhou em diferentes restaurantes, também foi muito ativo como um dos brasileiros que mais ajudaram os imigrantes em dificuldades. São prosaicas as histórias de como hospedava em sua própria casa vários brasileiros, alguns dos quais mal conhecia, e suas tentativas de obter emprego para todos com muito empenho. Essa atividade como um

prestador ativo o colocou como personagem de destaque no circuito de relações dos brasileiros no Porto. Sua ação no cotidiano foi exemplar, no sentido de aproximar-se do ideal de “brasilidade autêntica”, tanto por ter acentuado o exotismo nos lugares de trabalho, como por ter atuado como um brasileiro “de bom coração” (outra das facetas da imagem portuguesa sobre o brasileiro). O seu empenho em arranjar empregos para os brasileiros era um dos fatores mais lembrados em conversas com outros imigrantes e mesmo os que não gostam nada de Mário reconheciam nele um autêntico brasileiro.

IDENTIDADES

A influência dos “mais autenticamente brasileiros” não se restringia à esfera econômica, mas a toda a vida social da “comunidade brasileira”, pois, tendo construído lugares de poder a partir da própria subordinação simbólica aos estereótipos portugueses, passaram a ser os referenciais num processo de construção de identidades entre os brasileiros no Porto. Como Hall (1996), acredito que as identidades são processos em construção, nunca imobilizadas e sempre sujeitas aos jogos de poder da vida cotidiana. Para Hall, o sujeito está se tornando fragmentado, composto por várias identidades, algumas vezes contraditórias; o processo de identificação, pelo qual construímos nossas identidades culturais tornou-se provisório, variável e problemático; não há identidade fixa; ela é formada e transformada continuamente e é definida historicamente; o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos; as identidades não são unificadas em torno de um eu coerente.

A partir dessa perspectiva processualista da identidade, marcada pela percepção da importância das relações de poder na construção de identidades, podemos perceber o papel dos intermediadores¹⁰ brasileiros no Porto. Eles atuavam como pivôs de um processo de construção de uma identidade cultural brasileira imigrante focada na incorporação dos estereótipos portugueses. Assim, os brasileiros “micos-de-circo”, como um dos meus amigos imigrantes os

descrevia, passaram a sair do universo de representação português para o cotidiano das disputas políticas entre imigrantes brasileiros. Foi possível verificar um processo de “subordinação ativa” aos estereótipos, no sentido de ser um reforço sistemático. Esse reforço sistemático acabou, obviamente, por fortalecer as imagens estereotipadas a que os brasileiros estavam sujeitos em Portugal.

Na minha opinião, esse processo de subordinação ativa aos estereótipos resultou na construção de um lugar subalterno dos brasileiros na cidade do Porto. Era um processo de inserção espontânea de grande parte dos imigrantes aos lugares previamente oferecidos pela sociedade portuguesa: o lugar de grandes bobos da corte. Os brasileiros eram vistos por um lado como grandes artistas, criativos, inventivos e, por outro, como vagabundos, sexualmente depravados e burros. O lugar que cabia ao brasileiro imigrante em Portugal era o de entreter os portugueses.

É preciso fazer a ressalva que havia (e há) uma fonte dupla de produção dos estereótipos que “viraram realidade” na experiência dos imigrantes brasileiros pobres do Porto: havia o próprio Estado brasileiro, preocupado em vender a imagem do tropical exótico e da nação mestiça – para fins de turismo e solidificação da identidade nacional –, e havia a sociedade portuguesa, que tem, desde o período colonial, constantemente reelaborado imagens sobre o Brasil. Neste artigo deixei de lado a produção de estereótipos sobre os brasileiros fabricada pelo próprio Estado nacional e sociedade civil brasileiras, dedicando especial atenção à segunda das fontes, a sociedade portuguesa, a fim de analisar as especificidades dos processos de exotização em Portugal. Acredito que, embora possam ser vislumbrados em outros contextos nacionais, tais processos acontecem sempre de forma diferenciada, segundo as sociedades de recepção dos imigrantes.

Este artigo focalizou os processos cotidianos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal. O que chamo de “processos de exotização” pode ser entendido como os movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos e preconceitos sobre o Brasil e os brasileiros. Esses movimentos foram vistos claramente na forma como os imigrantes no Porto buscavam um lugar no mercado de trabalho por meio de uma suposta característica básica de todos brasileiros: a alegria. Eles vendiam a alegria e através dela posicionavam-se no mercado de trabalho. Além do lugar específico no mercado de trabalho para esta suposta mercadoria cultural, os processos de exotização tiveram conseqüências mais estruturais, pois grande parte do cotidiano dos brasileiros imigrantes de classe baixa no Porto foi construído em torno de disputas que envolviam estas imagens estereotipadas.

Vimos que o lugar preferencial de trabalho dos brasileiros era o do atendimento ao público. Este lugar tem relações íntimas com o lugar do Brasil no universo simbólico português, um lugar subalterno e tributário de um pensamento marcado fortemente pelas heranças do colonialismo. Assim, o mundo do trabalho foi responsável pelo que chamei de “subordinação ativa” aos estereótipos e preconceitos. Isso se deu por conta do lugar de poder conferido aos principais intermediários nesse processo de exotização. Esses intermediários passaram a ser o núcleo da construção de uma nova identidade brasileira imigrante, marcada pelo exotismo e pela subordinação às imagens de alegria, simpatia, cordialidade, hiper-sexualidade, pouca educação, etc. A vida dos brasileiros era marcada pelo processo sistemático de exotização, que se constrói principalmente no mercado de trabalho.

** Igor José de Renó Machado é Doutor em Ciências Sociais (Unicamp), Prof. da U.F. de São Carlos, Pesquisador associado ao CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais), IFCH/UNICAMP.*

COMENTÁRIOS FINAIS

NOTAS

1 - Destaque do INE (Instituto Nacional de Estatística português), 18 de abril de 2000. Resultados provisórios. População brasileira residente em Portugal - 1999. Dia da comunidade Luso-Brasileira - 22 de abril.

2 - Deve-se somar aos legalizados em 2001 os já legalizados anteriormente, o que devolve o segundo lugar ao Porto. Considera-se que os imigrantes em Setúbal fazem parte da área metropolitana de Lisboa.

3 - Sobre os dados a respeito da imigração em Portugal, Baganha e Gois afirmam que "... sabemos extremamente pouco sobre os imigrantes em Portugal, porque a única fonte disponível com consistência interna apresenta sérias limitações, dado que o número de características dos imigrantes tratadas e divulgadas pelo MAI-SEF é muito restrito e a sua divulgação sistemática com alguma profundidade só se inicia em 1990" (1998/99: 262). Portanto, continuam os autores: "O que sabemos refere-se sobretudo ao fluxo legal, pelo que é conveniente salvaguardar a hipótese de as características conhecidas serem uma pobre e, muito provavelmente errônea representação do fluxo migratório global. Quer os estudos sobre a componente ilegal do fluxo migratório português noutros períodos históricos (Baganha, 1990), quer a informação disponível sobre as partidas ilegais para a Europa depois da II Guerra mundial, mostram que o fluxo clandestino é substancialmente diferente do fluxo ilegal" (Baganha e Gois 1998/99:250).

4 - A "nova" lei de imigração de 2001 permitiu a legalização de um grande número de imigrantes que se encontravam na ilegalidade. Isso se deu através de uma nova figura jurídica, a "autorização de permanência". Essa autorização de permanência (AP) concede o direito de ficar em Portugal apenas por um tempo máximo de 5 anos, com renovações sucessivas a cada ano. Para que a AP seja concedida a cada pedido, é necessária a apresentação de um contrato de trabalho. A AP é diferente da autorização de residência (AR), que permite ao imigrante morar por tempo indeterminado em Portugal, desde que ela seja renovada de tempos em tempos (sem a exigência de contratos de trabalho). A expressão "nova lei" vem entre aspas porque alterações têm sido feitas desde 2001, tornando a "nova lei" de 2001 já defasada.

5 - Segundo o relatório conjunto do ACIME (Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas), IGT (Instituto Geral do Trabalho) e SEF sobre o processo de concessão de autorizações de permanência,

retirado do site do IGT em junho de 2002.

6 - Os números são os códigos oficiais do INE (Instituto Nacional de Estatística português) para os grupos de atividade econômica. As categorias que nos interessam estão discriminadas no texto.

7 - O número total de brasileiros legalizados em 2001 corresponde aos 22.411 de imigrantes com autorização de residência em 2000 mais os 22.558 brasileiros com autorização de permanência em 2001 e mais ainda os brasileiros que conseguiram a autorização de residência em 2000 e parte de 2001. A conta perfaz o total de 47254 imigrantes legais em Portugal em 2001. Mas lembremos que os dados que eu utilizei eram provisórios tanto no que se refere às autorizações de permanência como autorizações de residência concedidas. Dados do SEF, presentes em d'Almeira 2002:16 (apenas para o total de legalizados).

8 - Na tese de doutorado (Machado 2003) demonstro que não é apenas o controle do mercado de trabalho que proporciona mais prestígio e poder, mas que esta é uma das dimensões mais relevantes.

9 - O nome é, obviamente, fictício.

10 - Sobre imigrantes em lugares específicos de mediação como "intermediários culturais" ver Feldman-Bianco (1993, 1995 a, 1995 b e 1995 c), forma que adoto neste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGANHA, M. I. & GOIS, P.

(1998/99) Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53, nov. 98/ fev. 99.

D'ALMEIDA, André Corrêa

(2002) *Estudo do impacto da imigração em Portugal nas contas do Estado*. Versão para discussão. Lisboa. Estudo retirado da internet, www.acime.gov.pt, em 13/01/2003.

FELDMAN-BIANCO, Bela & HUSE, Donna

(1993) *Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajetórias de vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de culturas*. Mimeo.

FELDMAN-BIANCO, Bela

(1995a) "A Saudade Portuguesa na América: Artefatos Visuais, Histórias Orais e a Tradução de Culturas". In:

Horizontes Antropológicos, volume temático sobre Antropologia Visual, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre, Ano 1, nº 2, pp.59-68.

FELDMAN-BIANCO, Bela

(1995b) "A (Re)construção da Nação Portuguesa e a Transnacionalização de Famílias". *Cadernos CERU*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, USP, Série 2, vol. 6, pp. 89-104.

FELDMAN-BIANCO, Bela e HUSE, D.

(1995c) "Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajetórias de Vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de culturas". In: *Ler História*, nº 27/28, ISCTE, Lisboa, pp. 45-73.

HALL, Stuart

(1996) "Identidade cultural na diáspora". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. nº 24.

MACHADO, Fernando Luís

(1997) "Contornos e especificidades da imigração em Portugal". In: *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 24, Partido Popular. 9-44.

MACHADO, Igor José de Renó

(2003) *Cárcere público: processos de exotização entre os imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Campinas: Unicamp. Tese de doutorado.

McCLINTOCK, Anne.

(1995) *Imperial Leather*. London: Routledge.

McCLINTOCK, Anne et al. (orgs.)

(1997) *Dangerous Liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

SAID, Edward.

(1990) *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras.

STOLER, Ann Laura

(1997) "Making empire respectable: the politics of race and sexual morality in twentieth-century". In: McClintock, Anne et al. (orgs.). *Dangerous Liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

THOMAZ, Omar Ribeiro

(1997) *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP.

YONG, Robert

(1995) *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. London: Routledge.